

# *Editor - Osmar*

# Liberdade de mercado, a saída

\* 1 AGO 1989

O exercício do escapismo tem sido uma das mais assíduas práticas na presente conjuntura brasileira. Veja-se o caso do engessamento da economia com o qual as autoridades econômicas buscaram, através de sucessivos e frustrados choques, conter a escalada inflacionária. Sem se eliminar as causas, tem-se pretendido obter resultados através do arbítrio do congelamento de preços ou da violência do tabelamento.

Persistem as autoridades em medidas equivocadas, ao retardar excessivamente o realinhamento de preços. A flexibilização programada para um período determinado após os choques não foi jamais posta em prática e os resultados, por isso, foram catastróficos desde o Cruzado I. As medidas complementares são sempre tardias, tímidas e insuficientes.

Num sistema capitalista, a força motora do crescimento da economia deve ser a motivação do empresariado, o estímulo aos investimentos. Os preços controlados pela burocracia achatam as margens de lucro, prejudicam a rentabilidade do capital investido e retiram a oportunidade dos reinvestimentos cada vez menos atraentes. Mesmo porque, nessas si-

tuações, sua intervenção não se mostra producente como ferramenta de combate à inflação, como provam os mais recentes índices. Ao alinhar os preços num tabelamento discutível, o CIP passa a se constituir num verdadeiro cartel, contrariando todas as regras de mercado, ao retirar do empresário o poder de gerir seu próprio negócio, e do consumidor o benefício de preços que possam ser corrigidos numa situação de concorrência.

Os dados revelados na Escola Superior de Guerra pelo diretor do Departamento de Economia da Fiesp, segundo os quais a rentabilidade média da indústria paulista em 88 caiu para 5%, o menor índice em comparação com a taxa média da década, que variou de 8% a 12%, são alarmantes. E nem um pouco animadores para a promoção dos investimentos, sobretudo os de longa maturação e de vulto com perfil intensivo.

No setor de celulose e papel, as projeções de novos investimentos da ordem de US\$ 9,8 bilhões certamente demandarão maior tempo para ser implementadas, em decorrência desse permanente desestímulo que se repete após cada choque eco-

JORNAL DE BRASÍLIA

nômico. O intervencionismo estatal desestabiliza o mercado, reduz os fatores de produção e torna cada vez mais iminente a eclosão do desemprego em larga escala. Jamais o controle de preços forjado nos gabinetes da burocracia pôde refrear a inflação. Mas sempre reduziu os imóveis dos investimentos, trazendo à tona o risco de indesejáveis e irrecuperáveis atrasos tecnológicos ao setor industrial.

Talvez convenha às autoridades ouvirem os conselhos do inspirador da "perestroika" econômica na Rússia, Abel Aganegavan. Segundo ele, o não-realinhamento dos preços estava desequilibrando as empresas soviéticas. Os subprodutos do congelamento, lá como cá, em qualquer sistema de governo, têm sido sempre o ágio, o suborno, a corrupção e o desabastecimento. O mercado ajusta-se, normalizando-se, expelindo o ágio ao libertar-se dos preços cipados.

□Osmar Elias Zogbi é presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose, diretor-superintendente da Ripasa S.A. Celulose e Papel e membro do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp)